



Artigos

O tema da transformação no pensamento de José Comblin

The theme of the transformation in José Comblin's thinking

Eduardo Hoornaert¹

Resumo

Os escritos de José Comblin tratam quase todos de questões de atualidade. Isso dificulta encontrar uma linha mestra a percorrer toda essa produção literária. Avanço aqui a seguinte ideia: o pensamento de Comblin segue a filosofia da transformação, tal qual vai expressa na Bíblia e outros documentos do pensamento tradicional da humanidade. Não é um pensamento em torno do tema do progresso, mas da transformação.

Palavras-chave: Comblin. Teologia bíblica. Transformação. Progressismo.

Abstract

The writings of Joseph Comblin treat almost about actual issues. This makes it difficult to find the master line of his thought. I propose here the following idea: Comblin can be understood within the philosophy of transformation as it is expressed in the Bible and other documents of traditional human reflection. The focus is not progress, but transformation.

Keywords: Comblin. Biblical theology. Progress. Transformation.

¹ Nascido em Bruges, na Bélgica, estudou línguas clássicas na Universidade de Lovaina e teologia em preparação ao sacerdócio católico, entre 1951 e 1955. Em 1958 veio para o Brasil (João Pessoa). Foi professor catedrático em História da Igreja, sucessivamente nos Institutos de Teologia de João Pessoa (1958-1964), Recife (1964-1982), e Fortaleza (1982-1991). É membro fundador da Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina (CEHILA), foi coordenador para o Brasil entre 1973 e 1978, responsável pelo projeto de edições populares entre 1978 e 1992, e entre 1993 e 2002, responsável pelo projeto "História do Cristianismo". Entre 1994 e 1997 foi pesquisador visitante no mestrado de história da Universidade Federal da Bahia. Durante esses anos todos administrou cursos e proferiu Conferências em torno de temas como: História do cristianismo; História da Igreja na América Latina e no Brasil; Religião do povo. Atualmente estuda a formação do cristianismo nas suas origens, especificamente os dois primeiros séculos. E-mail: e.hoornaert@yahoo.com.br



Os escritos de José Comblin estão quase todos relacionados a questões de atualidade. Isso dificulta encontrar uma linha mestre a percorrer toda essa produção literária. Ele mesmo dizia que o único trabalho não 'ocasional' dele era a teologia do Espírito Santo, que não resultou numa obra unificada, mas em cinco livros, publicados ao longo de 25 anos. A isso temos de acrescentar seu último livro "O Espírito Santo e a Tradição de Jesus" (COMBLIN, 2012), que de certa forma expressa uma síntese do pensamento de Mestre Comblin.

1 Comblin transformado

A diferença entre Comblin professor na Universidade Católica de Santiago do Chile (antes de 1965) e Comblin professor no Instituto Teológico de Recife (ITER) (a partir de 1965) é marcante. Em Recife, ele entrou no turbilhão de uma Igreja que optava por executar as linhas diretrizes do Concílio Vaticano II, tomava posição diante do golpe militar de 1964 e fazia uma opção pelas populações pobres. Ficou, como muitos, fascinado pela figura de Dom Hélder Câmara. No Chile, seu destino teria sido o de um professor brilhante, original, capaz, erudito, estudioso e ao mesmo tempo controvertido e desafiador. Bom escritor, conferencista apreciado, intelectual de peso e arguto observador da realidade eclesial e política em geral. Essas qualidades ainda

Avanço aqui a ideia que a linha mestre do pensamento de Comblin pode ser expressa pelo termo "transformação", um termo que ele mesmo nunca explicitou nem aprofundou. Mesmo assim, penso que esse termo explica satisfatoriamente suas intenções ao redigir tantos livros "no calor da hora". Tudo que ele escrevia tinha uma intenção transformadora, sendo ele mesmo uma pessoa "transformada".

aparecem de forma eminente nos dois volumosos livros que ele escreveu, entre 1970 e 1974, sobre a teologia da revolução: "Théologie de la Révolution" (COMBLIN, 1970) e "Théologie de la Pratique révolutionnaire" (COMBLIN, 1974), ambos editados pelas Éditions Universitaires de Paris.

Ali se revela o observador atento da atualidade, que não perde um detalhe sequer e descreve com minúcia jornalística o que se passa no cenário político de seu tempo. Mas é em Recife que se revela, com os anos, um Comblin que não escreve mais livros volumosos, muda de estilo, não só na maneira de escrever, mas também na maneira de se apresentar, falar, se relacionar, viver. Ele entra num processo de transformação que, com os anos,

culmina na imagem do “Padre Zé”, orientador de escolas missionárias, devoto de Ibiapina e do Padre Cícero, tal qual o conhecemos atualmente. Em 1980, a própria irmã de José Comblin, perplexa, me perguntou (foi em

Bruxelas): “o que vocês, lá no Brasil, fizeram com José? Ele não é mais o mesmo”. De longe, ela percebera que seu irmão se transformou. Em consequência disso, ele passou a olhar tudo sob o prisma da transformação.

2 As gerações

O tema da transformação já aparece claramente em dois livros de Mestre Comblin, publicados em 1968. Foi Jung Mo Sung que, num trabalho publicado em 2012 sob o título “Tarefas inacabadas das gerações, o Reino de Deus e o novo Império” (2012, p. 139-171) chamou a atenção para a importância desses dois livros: “Os sinais dos tempos e a evangelização” (COMBLIN, 1968b) e “O provisório e o definitivo” (COMBLIN, 1968a). São trabalhos germinais, pois enunciam ideias que frutificam em diversos campos. Vejamos: “a história é feita de obras inacabadas”; “cada geração é passageira e deixa a obra inacabada”. Essas frases, ao mesmo tempo em que denotam uma resoluta guinada a favor da ação concreta, chamam a atenção para uma das leis básicas da transformação: a transitoriedade. Enquanto José está na trincheira e participa ativamente das lutas, ele sabe que os esforços só levam a resultados provisórios e mesmo insuficientes. Daí o teor aparentemente desmotivador de suas colocações na época. Não poucos

que ouvem suas conferências ou assistem às suas aulas, acham que ele é “muito negativo”, “não deixa nada em pé”, “é contra todos e tudo” etc.

Agora me vem à lembrança, um pequeno artigo que alunos do Instituto de Teologia de Recife (ITER) redigiram nos idos de 1972 acerca da estranheza, causada pelo modo de ser do professor José Comblin. Publicado na Revista Eclesiástica Brasileira (REB) em setembro de 1972 (p. 635-637), intitulado “O Padre José Comblin e a Vida Religiosa”. Esse artigo relata as dificuldades que os estudantes demonstram em compreender o jeito do professor. Alguns o acham “negativo e irônico, que ridiculariza tudo, acaba com tudo”, mas, por outro lado, todos reconhecem sua simplicidade, sua disponibilidade em orientar as pessoas e sua capacidade em “obrigar a pensar”. Todos concordam em dizer que o professor é “um sinal de contradição” (p. 636), um “crítico de lugares comuns” (p. 637), um “orientador” (p. 638).

Essa avaliação dos alunos de 1972 me parece excelente, pois realça

os dois lados de Mestre Comblin: seu espírito crítico e sua fé no futuro de uma postura de engajamento. Sua vida, em 1972, desmente os versos da canção:

E tudo passa
Tudo passará.
E nada fica
Nada ficará.

Tudo passa, sim, mas não é verdade que nada fica. O que fica é a transformação, ou seja, a nova forma que a vida assume. Eis o que significa o tema das gerações tratado nos dois livros aqui mencionados. Se a obra de

cada geração fica inacabada, é porque ela faz parte de uma sucessão de obras (inacabadas) que formam a concatenação da vida. Precisa contemplar essa concatenação para entender a contribuição de cada geração. Nas palavras do próprio Comblin: “é nas gerações sucessivas que Deus se revela. Deus encontra-se no tempo, na sucessão das gerações. História é história concretamente vivida. Só pela narrativa dessas sucessivas histórias se descobre Deus”. Comblin toca aqui numa lei da natureza, que passo a apresentar.

3 A transformação das plantas

Certa vez, o poeta alemão Goethe visitou um jardim botânico na companhia de uma amiga que ficou maravilhada pela diversidade e beleza das plantas, mas não foi além disso. Então Goethe disse que tanta diversidade e tanta beleza escondia uma “palavra secreta”, capaz de explicar tudo. Intrigada, a amiga perguntou qual era essa palavra, e daí nasceu um dos mais significativos poemas de Goethe²: a metamorfose, eis a “palavra secreta” que explica a vida das plantas, dos animais, dos seres humanos e mesmo as mudanças da matéria sem vida. Há plantas que se transformam em questão de horas,

outras demoram muitos anos para mostrar alguma alteração. No reino animal se dá o mesmo: alguns animais se transformam com muita rapidez, outros demoram para mudar. Na matéria sem vida, o processo costuma ser muito mais lento ainda, ao ponto de passar despercebido à compreensão de muitos, como lembrou o físico francês Lavoisier: “nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

O poema de Goethe é um trabalho filosófico, uma filosofia em forma de poesia. A lei da metamorfose (transformação) é uma lei básica da natureza, no domínio das plantas, dos animais, dos seres humanos, dos minerais, do pensamento, das ideias, do amor. O poema de Goethe termina com um elogio ao casal humano, símbolo de

² “Versuch die Metamorphose der Pflanzen zu erklären” (1790): “Tentativa de explicar a metamorfose das plantas”. Bem antes de Goethe, o dominicano Giordano Bruno já defendia a filosofia da metamorfose.

transformação, não só pela geração do filho, mas também pelo amor. A transformação é uma lei global da natureza.

O poema filosófico de Goethe passou praticamente despercebido pelos filósofos. Eles não conseguiram enxergar a profunda sabedoria contida nesse

poema, pois estavam quase todos envolvidos em modos de pensar que privilegiam temas como progresso, desenvolvimento, crescimento. Só poucos enxergam o valor da filosofia da transformação e penso que Comblin é um deles.

4 *Toledôt*: gerações na Bíblia

Formado pelo biblista Lucien Cerfaux, seu professor em Lovaina, Comblin é um teólogo de enraizamento bíblico. Sua tese de doutoramento tratou de um tema bíblico e ele demonstra, em todos os seus trabalhos, possuir um olhar bíblico. Quando, nos livros de 1968, acima citados, escreve que “a história é feita de obras inacabadas”; “cada geração é passageira e deixa a obra inacabada”; “é nas gerações sucessivas que Deus se revela”, ele na realidade expressa um modo de pensar bíblico.

A Bíblia pensa em termos de transformação. Cada geração é uma transformação da geração anterior. É o que significa o termo hebraico *toledôt* (geração, origem, metamorfose, descendência). Basta ler os onze primeiros capítulos do Livro Gênesis para ver que, aos olhos dos primeiros redatores da Bíblia (século VI aC), a história é uma sucessão de gerações: “eis a origem do céu e da terra” (Gn 2, 4); “eis o livro da descendência de Adão”

(Gn 5, 1); “eis os descendentes dos filhos de Noé” (Gn 6, 9); “eis os descendentes de Sem” (Gn 10, 1); “eis os descendentes de Terá” (Gn 11, 27). A inteira história de Abraão, o “pai de povos”, é baseada na ideia da transformação. Ele é o primeiro homem que conversa com Deus. Um dia, IHHW lhe diz:

*Sai de sua terra,
deixa seus parentes e seu pai,
vai para a terra
que lhe mostrarei.
Eu farei de você um grande povo
(Gn 12, 1-2).*

Abraão desinstala-se e viaja, levando consigo seu primo Ló com a família. Ele se estabelece em Canaã, onde vive sem morada certa. Sua vida é uma sucessão de infortúnios. Faminto e sem meio de vida, procura um futuro melhor no Egito, mas é expulso do país. Ao voltar a Canaã, entra em conflito com Ló e seus pastores e os dois se separam. Abraão, já velho, continua sem filhos. Aí IHHW fala de novo e renova a grande promessa: “sua descendência será como

as estrelas no céu e as areias na praia". Como pode? Sara já tem 90 anos e não lhe deu nenhum filho. Quando os visitantes misteriosos dizem a Abraão que ele vai ter um filho dela, Sara fica rindo no interior da tenda. E não é que o menino nasce? IHWH, irônico, diz: seu nome é Isaac ("você riu!"). (Na realidade, Abraão tem um filho, Ismael, de outra mulher, mas isso é outra história). O patriarca morre, satisfeito por ter conseguido transmitir a vida. Isaac é uma transformação de Abraão, eis como o Livro Gênesis entende as

coisas. A partir de Isaac, a Bíblia só fala em transmissão de gerações, metamorfose após metamorfose: Isaac, Jacó, Esaú, José etc. E, na macro-história, judaísmo, cristianismo, islamismo.

Essas sucessivas transformações não são exclusivamente biológicas. Em determinados momentos, elas são qualificativas: transformações nos modos de pensar, reagir, estabelecer metas na vida, formular projetos de vida. Eis o que o profeta poeta Isaías vislumbra quando apresenta Davi.

5 "Um broto furou a cepa de Jessé"

Um broto furou a cepa de Jessé
Das raízes re floresceu um ramo
Sobre ele repousará o sopro de IHWH
(Is 11, 1).

Num lance genial, o profeta Isaías compara o nascimento de Davi ao que acontece no universo das plantas, concretamente dos vinhedos. O vinicultor poda a parreira ao ponto de deixar só as cepas. Tira tudo, só deixa a cepa. Mas é precisamente essa poda drástica que garante nova vida. É dela que renasce a vida. Quando não parece mais haver nada, um broto fura a cepa. A vida "refloresce". Eis a metamorfose: das raízes re floresce um ramo, no ramo aparece uma folha, da folha nasce uma flor e da flor vem o fruto. Isaías: da cepa de Jessé brota Davi.

A visão de Isaías é bíblica. A Bíblia, como já escrevi acima, considera

que os seres humanos procedem por gerações (nascimento, crescimento, procriação, decadência, morte, e de novo nascimento etc.), da mesma forma em que as plantas procedem pela transformação da semente em cepa, cepa em broto, broto em folha, folha em flor, flor em fruto e de novo semente etc. Davi, assim, é uma maravilhosa transformação de Jessé, a ser "sinal para os povos".

Naqueles dias se erguerá a raiz
de Jessé
Em sinal para os povos.
As nações irão à sua procura
Sua morada se impõe (Is 11,10).

Jessé, filho de Obed, neto de Booz e Rute, é por sua vez pai. Tem oito filhos que vivem com ele em Belém. Tem igualmente um rebanho de gado aos cuidados de seu filho Davi (1Sm 16, 11).

Esse pequeno guardador de gado é o grande rei (1Cr 29, 21), três vezes

Ungido, o maior dos israelitas.

6 “E Jacó gerou José, o esposo de Maria”

Assim como Isaías enxerga Davi na cepa de Jessé, o evangelista Mateus enxerga Jesus na cepa de Davi. Por meio de um longo processo biológico, a transformação alcança Jesus. Quando pensa em redigir seu Evangelho, o primeiro cuidado de Mateus consiste em mostrar que Jesus é um broto da cepa de Davi, uma transformação de Davi. Assim, ele assenta desde o início a autoridade do galileu em bases sólidas. Para tanto, ele cava fundo nas genealogias:

Salomão, por Ra’ab, gerou Booz
E Booz, por Rute, gerou Obed
E Obed Jessé
E Jessé o rei Davi (Mt 1, 5-6).

Após mais de dez versículos de teor genealógico, ele chega a Jesus:

E Jacó gerou José, o esposo de Maria.
É por ele que Jesus, dito o Ungido, foi concebido (Mt 1, 16).

Jesus é “filho de Davi” (Mt 1, 17), as bases do Evangelho estão lançadas.

7 “Tomou forma de escravo”

Mas Jesus revela-se bem diferente daquilo que Mateus imagina. Há uma ousadia em Jesus que só Paulo capta. Jesus faz nada mais e nada menos que transformar para sempre a história de Deus. Ele faz com que Deus desça do trono celeste e se identifique com a figura enigmática, atraente e polêmica do homem de Nazaré. O próprio Deus entra num caminho sem retorno. Nenhum dos Filhos de Deus de tradição mesopotâmica, egípcia, persa ou romana passa por um processo transformativo tão estranho e

contraditório como o Filho do Deus bíblico.

Sendo, ele mesmo, forma de Deus,
não procurou ser igual a Deus.
Esvaziou-se,
tomou forma de escravo,
tornou-se cópia humana.
Era reconhecido como tal
por sua figura humana
igual aos homens.
Muito pequeno, muito submisso,
até a morte extrema
morte na cruz (Fl 2, 6-8).

O inacreditável acontece. Deus identifica-se com um homem “muito pequeno, muito submisso, até a morte extrema, a morte na cruz”. O fluxo da vida que nasce em Jesus empurra Deus

para frente, em direção à humanidade sofredora. Paulo anda por muito tempo com essa imagem da extrema humilhação de Deus na cabeça e só nas grandes cartas dos anos 50 emerge finalmente, em sua prosa, embora de forma ainda pouco delineada³, a imagem de um Deus Pai que privilegia os desafortunados. Para os primeiros militantes do movimento de Jesus, essa é uma imagem totalmente nova, mas ela vai crescendo aos poucos na literatura: em Marcos o Deus Pai amoroso aparece 19 vezes (Aba Pai), em Mateus 61 vezes e em Lucas 52 vezes. No Evangelho de João, a imagem de Deus Pai já aparece mais de 100 vezes. Paulo compreende as consequências práticas: Deus Pai significa largar a segurança da “Lei dos pais” e se agarrar na confiança em Deus. Nas cartas, Paulo repete que basta ter “fé em Deus” e que “as obras” (cumprimento dos preceitos da Lei) não conduzem a nada. Para ele, o termo

“fé”⁴ não significa mais a observância dos 613 preceitos da Lei levítica, mas a confiança cega em Deus. A palavra “fé”, que aparece 79 vezes nas cartas⁵, indica a confiança do ser humano em Deus. O Evangelho de Paulo consiste na descoberta da transformação de Deus por mediação de Jesus.

³ Nas cartas de Paulo, o termo “pai” ainda costuma referir-se ao pai de família, o progenitor. “Deus nosso pai” aparece ao lado de “Abraão nosso pai”. O termo “pai” aparece 8 vezes em Rm (7 vezes aplicado a Abraão e só uma vez a Deus), em 1Cor 3 vezes, em Gl 5 vezes e em 1Ts igualmente 5 vezes. Aos poucos, a ideia de que somos filhos de Deus, e não escravos, ganha espaço nas cartas. Como em Gl 4, 6-7: “você são filhos. Deus enviou aos nossos corações o sopro de seu filho que grita Aba Pai. Portanto, vocês não são mais escravos, mas filhos. E, como filhos, herdeiros de Deus” (observe como volta a imagem da família com escravos). Na Carta aos Romanos, a ideia toma maior vulto: “todos os que se deixam conduzir pelo sopro de Deus são filhos de Deus. Pois vocês não receberam um sopro de escravos para reencontrar caminhos de medo, mas o sopro de filho, aquele que nos faz gritar Aba Pai” (Rm 8, 14-15). Há, pois, uma evolução. Só aos poucos, a ideia de Deus Pai ganha espaço nas cartas.

⁴ Para que não entendamos mal a postura de Paulo, é bom ressaltar que Paulo não fala de “fé” no sentido de uma adesão mental a um corpo doutrinário. Só a partir do século IV dC, com o fortalecimento dos quadros institucionais do cristianismo, a interpretação doutrinária da fé ganha crescente importância, a ponto de ofuscar o sentido paulino do termo.

⁵ 36 vezes em Rm, 7 vezes em 1Cor, 28 vezes em Gl e 8 vezes em 1Ts.

8 Apóstolos transformados

A partir do momento em que resolvem acompanhar Jesus e ajudá-lo nos trabalhos, os apóstolos igualmente passam por uma transformação. Como Paulo. Nos capítulos 6 e 7 do Evangelho de Marcos se conta que eles, quando andam pelo deserto além do Mar da Galileia, vagam como os israelitas pelo deserto do Sinai com Moisés. Tornam-se israelitas transformados. Esses israelitas fugitivos tinham fome e sede, os

apóstolos também. Aí Jesus multiplica pães e eles pulam de alegria, como os israelitas quando apareceu o Maná. O programa de Jesus é uma nova 'tábua da Lei' (do Sinai); Jesus um novo Moisés. Com ele, os apóstolos vivem uma nova Páscoa, uma nova Travessia pelo deserto, um novo Sinai, um novo Maná, uma nova Aliança (novo Testamento), uma nova Mensagem (evangelho). Tudo isso é transformação.

9 Paulo transformado

No segundo capítulo da Carta aos Gálatas, Paulo expressa de forma pungente a transformação nele operada pelo contato com Jesus:

E se eu vivo,
Não sou mais eu que vivo
É o Ungido que vive em mim
(Gl 2, 20-21).

Paulo não é mais o mesmo. Doravante, ele não enxerga o homem de Nazaré (não demonstra interesse pela biografia de Jesus), mas o Ungido (Cristo ⁶). O termo volta mais de

duzentas vezes nas cartas⁷, nas mais variadas formulações⁸, todas marcadas pela ideia da transformação. Paulo é um novo Ungido, transformado, transfigurado.

⁶ É de se observar que nos escritos produzidos no seio do movimento nos anos 50, o termo "Ungido" não aparece. Nem no Evangelho Q, nem no evangelho de Tomé. No Evangelho Q, Jesus é chamado "mestre", e numa primeira redação do Evangelho de Tomé se chama "o vivente". Veja respectivamente MACK, B.L. **O Evangelho perdido**: o livro de Q e as Origens Cristãs. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 73; e LÉLOUP, J-Y. **O Evangelho de Tomé**. Petrópolis: Vozes, 1997, primeiro aforismo.

⁷ 71 vezes na Carta aos Romanos, 79 vezes na Primeira Carta aos Coríntios, 38 vezes na Carta aos Gálatas e 14 vezes na Primeira Carta aos Tessalonicenses.

⁸ "Ser no Ungido, do Ungido; viver com o Ungido, no Ungido; revestir o Ungido; ser membro do Ungido; seguir os caminhos no Ungido; formar membros do Ungido; o corpo do Ungido; ser crucificado com o Ungido; morrer no Ungido" etc.

10 Jesus conversa com Elias e Moisés

Há muitos exemplos de transformação nos evangelhos. No capítulo 9 do Evangelho de Marcos se conta que, certa vez, no alto de uma montanha, Jesus conversou com Elias e Moises, como se não existisse a barreira do tempo e do espaço a separá-los (Mc 9, 3). O texto grego usa o verbo *metamorfoô*, enquanto a Vulgata (tradução latina) já fala em *transfiguratio*, o que não traduz exatamente a ideia original. Hoje se fala em “transfiguração de Jesus”.

11 Deus encarnado

Interpretar as coisas por meio da ideia de transformação não pertence unicamente ao modo de pensar bíblico. Pertence a uma tradição que cobre milênios de anos e se expressa, no universo pan-mediterrâneo em que surge o movimento de Jesus. As pessoas enxergam nos mais variados acontecimentos um processo de transformação. É o caso das religiões místicas⁹ da época, predominantes no cenário em que o movimento de Jesus entra quando ultrapassa as fronteiras da Palestina e penetra no vasto mundo da

Jesus, Elias e Moisés se fundem num só movimento de transformação. Outro exemplo é dado no capítulo 8 do Mesmo Evangelho, quando Jesus pergunta a seus discípulos o que as pessoas dizem a seu respeito. Eles respondem: você é João Batista, Elias, um dos profetas. É o Ungido (ou seja, Davi) (Mc 8, 27-29). Essas respostas são tão naturais que chegamos à conclusão que, naqueles tempos, as pessoas enxergavam nos fatos o processo de transformação. Jesus é João Batista, Elias, um dos profetas, Davi.

diáspora judaica. Os militantes encontram por todo lugar imagens de transformação: seres divinos se “encarnam”, seres humanos (de carne) se divinizam (BEAUDE, 2011)¹⁰. Deus passa por um processo de encarnação.

O sucesso da obra “Metamorfoses”, do poeta latino Ovídio (43 aC-18 dC) demonstra como a ideia da transformação é universalmente aceita. Composta de 15 livros, essa obra resgata nada menos de 250 mitos em circulação, que narram os mais diversos

⁹ O adjetivo “místico” deriva do substantivo “mistério”, que indica uma forma de religiosidade em voga na época. O “terceiro céu” de 2Cor 12, versículo 2 e os “dizeres indizíveis” do versículo 4 são expressões de tipo místico. Veja capítulo 1: “os entusiastas”.

¹⁰ BEAUDE, P-M. **Saint Paul, l'oeuvre de métamorphose**. Paris: Cerf, 2011. É conhecida a obra ‘As Metamorfoses’ do poeta latino Ovídio, best-seller durante séculos (há edições até no século XVI). O poeta descreve numerosos casos de metamorfose entre seres divinos e seres humanos.

casos de transformação, no reino das plantas, dos animais, dos humanos, dos deuses (GALIMBERTI, 2003. p. 46). Lida e relida durante séculos, copiada e recopiada, contada e recontada, a obra de Ovídio continua um dos trabalhos literários mais influentes da cultura ocidental. Até hoje, inspira romances, filmes, poesias, pinturas, esculturas. Influenciou escritores como Chaucer, Shakespeare, Dante, Boccaccio. Ovídio é apenas porta-voz de um pensamento que toma conta de toda a área em que o movimento de Jesus se difunde nos primeiros séculos, como hoje revelam pesquisas arqueológicas em territórios antigamente ocupados pelo Império Romano.

Essas pesquisas permitem um *insight* nas religiões místicas e evidenciam pontos de contato entre a ideia de transformação e o imaginário do emergente movimento de Jesus. Vêm à luz ruínas de templos, inscrições, vasos e obras de artesanato que indicam a expansão por largos espaços, não só de clássicos mistérios gregos (como o de Eleusis na Grécia), mas principalmente de cultos grego-egípcio-orientais de cunho místico.

As mulheres veneram Demeter, a “Grande Mãe dos Deuses”, Isis, Cibele, enquanto os homens se espelham em Mitra, Osíris e Dionísio. Inúmeras sociedades trabalham a ideia da transformação, revelam segredos relacionados à origem do homem, ao sentido da vida, à imortalidade e ao castigo divino após a morte. Tudo isso influencia o pensamento do movimento de Jesus. Quando Paulo descreve Jesus como o enviado de Deus, que vem à terra por um curto lapso de tempo, uma “revelação” (em grego “apokalupsis”. Veja Gl 1, 12. Para Paulo, evangelho e revelação são termos equivalentes) divina que ilumina o universo inteiro como um relâmpago, ele não só se mostra herdeiro da tradição bíblica, mas conhecedor e devedor (mesmo praticante) do imaginário místico. Em 1Cor 14, 18, Paulo declara: “eu falo em línguas mais que qualquer um de vocês”. É dentro dessa linguagem da transformação que se entendem os versículos de Paulo acima citados:

Não sou mais eu que vivo
É o Ungido que vive em mim (Gl
2, 20-21).

12 A ideia de transformação no pensamento de José Comblin

Quando situamos a obra de José Comblin diante desse largo pano de fundo histórico, percebemos que ele não só é um teólogo enraizado no

pensamento bíblico, mas também um crítico do pensamento progressista que predomina nos nossos dias. Um pensador com profundas raízes no

pensamento antigo da humanidade. É por isso que Comblin nunca é dogmático. Enquanto o pensamento dogmático é rígido e defende a imutabilidade, o pensamento da transformação é fluido, e acompanha os ritmos da vida e demonstra sensibilidade pelas leis da natureza. Suas exposições teológicas são sempre de teor histórico, acompanham os ritmos de vida. Nunca são definitórias, não pretendem definir ou prender os ritmos da vida em conceitos imutáveis. Prova disso é a articulação de sua teologia em torno da figura do Espírito Santo e da ação do Espírito Santo na história.

Vejamos por uns instantes seu último trabalho, publicado depois de sua morte: "O Espírito Santo e a Tradição de Jesus" (COMBLIN, 2012). Redigido em cinco Versões (todas incompletas), esse trabalho é uma filosofia da história, baseada na ideia da transformação. Quem compara as diversas Versões entre si não demora em detectar que Comblin trata basicamente das transformações operadas pelo Espírito Santo, como se pode ver na quinta e última Versão (igualmente incompleta).

O autor começa com os "testemunhos do Novo Testamento" e contempla sucessivamente "a igreja dos mártires", "a igreja dos monges", "a mística oriental". "o milagre irlandês", "Cluny", "Cîteaux", "extensão da vida monástica", "Francisco de Assis", "Domingos de Gusmão". Nesse ponto se interrompe a quinta Versão, mas a

descrição das transformações continua na Versão 3 (a mais completa): "o movimento franciscano", "a cruzada dominicana", "os leigos do século XIII", "a devoção moderna", "a cristandade dividida", "a Companhia de Jesus", "São Vicente de Paula", "os primeiros missionários dominicanos e franciscanos na América", "a ruína da cristandade", "os Santos Padres da América Latina".

Em todas essas descrições não aparecem rupturas a interromper o fluxo da transformação. Cada movimento parte da experiência de um movimento anterior, adaptando-a a novos desafios e novas condições de vida. Exatamente como se observa na natureza. Assim como as plantas e os animais evoluem continuamente e geram sempre novas formas, os movimentos humanos se baseiam naquilo que uma geração aprende com a anterior. A teologia de Comblin, longe de eliminar a história, está fundada em experiências históricas. Há um movimento do Espírito Santo a perpassar as gerações com a fluidez própria das obras da natureza e a criatividade própria da mente humana. O projeto de uma nova geração não é pura cópia do projeto anterior, mas criação original.

Esse enfoque é um antídoto, tanto contra a saudade de experiências passadas (pretensamente melhores que as nossas), quanto contra a prepotência dos que pensam que com a "revolução" tudo muda. É igualmente um apelo de confiança na juventude emergente. Cada

geração tem uma responsabilidade própria e é preciso que assuma o momento em que vive, sabendo “ler os sinais dos tempos”, ou seja, pressentir o fruto na semente que brota, enxergar

Davi na cepa de Jessé, vislumbrar Jesus em Elias, os profetas, o Ungido Davi.

As formas passam, a transformação fica. De geração em geração, enquanto Deus quiser. Eis o que quis realçar neste trabalho.

Referências

[ALUNOS do Instituto de Teologia de Recife (ITER)]. O Padre José Comblin e a Vida Religiosa. Petrópolis, **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, p. 635-637, set. 1972.

BEAUDE, P-M. **Saint Paul, l' oeuvre de métamorphose**. Paris: Cerf, 2011.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo e a Tradição de Jesus**. São Paulo: Nhanduti Editora, 2012.

_____. **O provisório e o definitivo**. São Paulo: Herder, 1968a.

_____. **Os sinais dos tempos e a evangelização**. São Paulo: Duas Cidades, 1968b.

_____. **Théologie de la Pratique révolutionnaire**. Paris: Éditions Universitaires, 1974.

_____. **Théologie de la Révolution**. Paris: Éditions Universitaires, 1970.

GALIMBERTI, U. **Rastros do Sagrado**. São Paulo: Paulus, 2003.

SUNG, J. M. Tarefas inacabadas das gerações, o Reino de Deus e o novo império. In: Hoornaert, E. (Ed.). **Novos Desafios para o Cristianismo**: a contribuição de José Comblin. Paulus: São Paulo, 2012.

Trabalho recebido em: 22/03/2015.
Aceito para publicação em: 27/03/2015.